



O ESPIRITISMO

Orgão dedicado ao estudo da verdade

PUBLICAÇÃO BI-SEMANAL

REDAÇÃO, RUA DO HOSPICIO 127

Numero avulso 40 rs.

O ESPIRITISMO

Rio, 31 de Outubro de 1881

Nada podendo dizer a respeito da sensação que produziu o nosso primeiro numero, continuaremos na exposição do pensamento, que parece problematico e digno de estudo.

Sendo, portanto, elle apresentado com humildade pelo cerebro onde foi germinado, é justo que aquelles que o quizerem saber, estudem humildemente e se tiverem orgulho de o saber já, só o poderão pôr em pratica, com humildade.

A palavra « que parece problematico », suggerio ao pensamento pelas opiniões ouvidas verbalmente em alguns centros sociaes.

Algumas dessas opiniões, erão: sobre os erros typographicos, outras apresentavão a falta de ligação nas idéas algumas mesmo, se offerecerão para firmar o seu nome em algumas linhas, afim de serem publicadas em nossa folha, e finalmente aquelles que se dedicam á investigação da verdade, declaram abraçal-o.

Na analyse das opiniões vou mostrar que os ultimos são os primeiros!

Apontar erros typographicos no primeiro numero de um pequeno periodico, não será por certo, a opinião mais cabal que se possa dar áquelle que se apresenta na arena jornalística, como orgão dedicado ao estudo da verdade, expondo em seu primeiro numero um pensamento, que, começa por banir a idéa da infalibilidade no planeta.

A falta de idéas ligadas, notada por homens da sciencia torna saliente o orgulho, pois o pensamento humilde, só pôde ser estudado com humildade, e se esses homens conhecessem a verdade, terião visto que a falta de coadunação nas idéas traz á luz da verdade, que o pensamento, definido, logo de prompto, por aquelle que apenas começa a beber a sciencia, apresenta-se como problemas áquelle que não o quer estudar ou pôr em pratica.

As linhas offerecidas e firmadas por seu autor, comquanto o redactor desta folha, (ancioso por vêr a verdade entre o genero humano), as abraçasse apenas verbalmente offerecidas, até hoje não teve o prazer de as receber e com isso soffre, pois desejava ver no periodico que humildemente redige a firma de uma illustração, que ha tantos annos estuda a verdade, para assim, estabelecer a discussão, d'onde nasce a luz.

Aquelles que abraçarão o periodico, apenas ouvirão a sua leitura, esses são os primeiros, porque, desejando aprender, uma doutrina, acharão-o digno, baseando-se em alguns pontos della.

Elles, não condemnando á priori, apontando só as consequencias funestas que podião resultar dessa publicação, abração para estudo, da investigação na verdade, afim de mais tarde, depois acurado exame dar então a opinião á posteriori; por i experiencia tem demonstrado que a condemnação de hoje pôde ser a absolvição d'amanhã.

Na condemnação á priori é que elles podião errar julgando pelas consequencias

más que podião advir e não analysando, não podião dar opinião, pois o verdadeiro critico só o póde ser com conhecimento profundo.

Esses, que por ultimo abraçarão a idéa, com o unico fim de estudal-a, serão os primeiros a conhecer a verdade.

Pensando assim, têm certeza de chegar ao fim da viagem encetada, e na sua marcha terão forças sufficientes para levar após si todos aquelles que seguem para o mesmo fim.

Nesse ról poderá entrar o que offereceu o seu pensamento, com o fim unico de o ver estudado, pois elle não tem orgulho de apresentar uma doutrina que, apenas apresentada, seja logo tomada como mandamento.

O unico desejo que alimento no pensamento, é o de que a luz se faça, não pela guerra das crenças, que buscão o conhecimento da verdade, essa verdade que tende a glorificar Deos e a estabelecer a paz entre os homens, de boa vontade.

O Orgulho e a Humildade

O artigo sob este titulo, produzio bom effeito, não só pela moralidade, como pela confrontação historica.

Algumas opiniões, porém discordão do ultimo, isto é, o que ainda não foi concluido!

Não será orgulhoso aquelle que condemna um facto, apenas por ouvir o começo da sua narração?

Para que condemnar um facto que se basea em um pensamento, com o unico fito de que é absurdo, porque é impossivel, impossivel por que é desconhecido, desconhecido porque basea-se em uma causa cujo effeito não sabemos determinar, pois sabe-se mathematicamente que a sciencia ainda não deu o ultimo passo e que ha muitas leis naturaes, cujo conhecimento ainda não póde chegar ao investigador que se jacta de muito saber e julga que só póde dar, leis quem leis estudou; só póde curar, quem para curar aprendeu.

Sabemos nós que quem estudou leis ou medicina, gastou, durante o tempo que cursou a academia, muito dinheiro, e, exercendo-a por dinheiro, cumpre evangelicamente o seu mandato, pois dá por dinheiro o que por dinheiro recebeu.

Ainda assim, poderá exercer a caridade conforme as suas forças e como lhe ditar a consciencia, pois ganhará conforme a sua intenção.

Mas como poderemos traduzir a divina parabola: « Dá de graça o que de graça receberes. »

Não ha de ser, por certo, tendo orgulho de que só póde saber aquelle que aprendeu e pretendendo assim demonstrar com as trevas aquillo que é luz!

Se, não é verdadeiro o meu pensamento, como explicar a mesma parabola « dá de graça o que de graça recebeste. »

Quer dizer, que aquelle que aprendeu sem dispendio ensine e exerça o que sabe, pela mesma fórma que o adquerio, mas sempre com humildade e não fazendo mysterio, procurando que todos investiguem a verdade, propondo a discussão, ou rogando aquelles que não quizerem esta, que esperem que a luz se faça.

A reproducção de muitos factos que, successivamente se vão dar, não deixarão o leitor por muito tempo na expectativa, pois aquelle que fôr humilde espectador, terá occasião de apalpar, gozando com a observação, ao passo que o orgulhoso será tambem obrigado a vêr e apalpar, soffrendo assim a consequencia de seu erro, que será na razão da sua incredulidade, á vista dos factos.

Assim, pois, vós que não tendes orgulho de tudo saber, nem acroditais que não exista o que não podcis vêr, esperai e observai, pois os tempos são chegados.

Não receeis que este pensamento vos offenda directa ou indirectamente, porque presta-se á investigação da verdade e a luz não se fez para pôr debaixo do alqueire nem o pensamento póde offender senão ao cerebro onde germina.

O que é o Espiritismo

Terminei o meu artigo antecedente, dizendo que se podia dar o espiritismo como brinquedo, e continuando a mesma theoria direi: « A Cesar o que é de Cesar. »

Todo o mundo sabe que as primeiras noções praticas de espiritismo, foram observadas por creanças, nos Estados-Unidos. Ora, sendo isto uma verdade, verdade é que o espiritismo pôde ser observado pelas creanças, e não podendo ellas, em attenção ao seu estado adolescente, estudal-o como religião ou sciencia, só o poderão ver como brinquedo, sem que isso os prejudique, porque, sendo o espiritismo obra do omni-sciente, elle o mandará conforme as forças, isto é, os espiritos innocentes entre os innocentes.

Assim, vai apparecer entre nós a renascença do espiritismo, digo *renascença*, porque tendo elle o seu começo entre a infancia, vai de novo reaparecer entre ella, porque o que está escripto ha de dar-se, mesmo independente da vontade dos homens e o facto ha de observar-se.

O espiritismo presta-se a tudo quanto é bom, por isso prestar-se-ha ao brinquedo innocente, mais facilmente do que ao mysterio, porque daquella nascerá a luz e deste as trevas, que têm de desaparecer com o reflexo daquella.

Estude-o como quizer todo aquelle que é bem intencionado, tomando por base a caridade e humildade, que é o amor do proximo, e assim veremos que todos caminharão para o mesmo fim.

Não procurem os homens medir o que não vêm ou apalpar o que não sentem, isto é, a consciencia do proximo, porque o que assim pensar pôde cahir em erro, mesmo na confrontação da doutrina que estuda, e por essa fórma poderá dizer: é absurdo o espiritismo entre as creanças, pois nada pôde aproveitar.

Poderá então outro dizer: se elle não proveita á infancia, que o elemento onde germinou, não tem base e portanto não pôde utilizar á sciencia, que sempre se deve basear em um principio.

O principio em que se baseão os que estudão o espiritismo, é o apontado pelo fundador da doutrina, e essa doutrina, entre os seus pontos mais esclarecidos, nos diz que os espiritos não se prestão a especulações nem a descobertas de thesouros occultos.

Baseado neste principio e de accôrdo com o fundador da doutrina, nos principios expostos, direi: é mais nocivo o espiritismo como sciencia, para aquelles que o estudarem de encontro aos dois pontos citados, que para aquelles que o observarem como innocente brinquedo.

O CRIME DA RUA LARGA DE S. JOAQUIM

(CONCLUSÃO)

Ao clamor publico accudio, como sempre a policia, que, acossando Romão, o obriga a esconder-se em um quarto e trancar-se por dentro, ficando nesse ponto até que um cabo da guarda urbana, que com elle havia servido como praça no 10º batalhão de infantaria; naquelle momento, com alguns de seus companheiros, depois de terem percorrido a casa, chegam ao ponto em que, dizem as noticias achar-se Romão intrincheirado, atirando projectis e dando tiros de revolver.

O refugiado, ouvindo os de fóra dizer: « deve estar aqui », responde algumas palavras e a sua voz é reconhecida pelo cabo, que com seus camaradas buscava o criminoso.

O cabo animado por uma força occulta, pede a seus companheiros que se retirem da frente da porta, para que não soffressem a consequencia daquillo que elle só havia provocado.

Depois das cousas assim dispostas, consegue abrir a porta e achando-se face a face com o seu antigo companheiro, exclama: « o que é isso, *Bahia* » ao que Romão, conhecido por *Bahia*, responde pacificamente: « deixa-me, fiz isto e não sei porque », —mas entregas-te á prisão, continúa o interlocutor: « entrego sim, a vosse, » nesta occasião dispunha-se a entregar-se ao seu antigo camarada, mas a raiva, manifestada por seus companheiros, fez com que Romão,

retrocedendo, dissesse: se é com guerra, eu também sou valente, e começou a atirar sobre aquelles que pretenderão agredil-o tudo quanto podia alcançar de momento, respeitando sempre o seu antigo companheiro, que como uma estatua conservava-se na sua frente, e apenas foi offendido levemente por uma pedra atirada para um seu camarada, que tentou livrar-se, escondendo-se por detraz d'elle.

Não podendo supportar a resistencia do criminoso, retirão-e, não só os guardas, como o antigo camarada do Romão, ficando este com o campo livre, isto é, no quarto, onde se achava, que ficava situado no centro do corredor, que media, approximadamente 6 metros de extensão.

As portas lateraes deste corredor, que terminava na sala da frente e no quintal, que, dividido por um tapamento de tabuas, utilisava aos moradores do sobrado e loja.

Tanto de um lado como de outro, achavão-se homens armados, fardados e alguns á paizana, não posso precisar o numero nem de uns, nem de outros, mas posso afirmar que era grande o dos primeiros e limitadissimo o dos segundos; entre estes, tornava-se muito saliente um, vestido com sobretudo mescla, de cor entre azul e flôr de alecrim.

Este homem estava do lado do quintal e empunhava uma vara, semelhança da que os carreiros usão para conduzir os bois.

A casa estava cercada, mas á hora que isto se passava no interior, alguém atravessava por entre a multidão, penetrava no corredor do sobrado, percorria-o na sua extensão, e não encontrando o homem, que era voz geral, resistia á prisão, dirige-se a uma senhora e pergunta-lhe por onde póde seguir, para chegar ao lugar onde se acha refugiado o autor das scenas de sangue que elle acabava de vêr reflectir nos feridos. Informado convenientemente, desce a escada, entra na loja e dirige-se para o ponto onde se achava Romão, sendo apenas interrompida a sua marcha, no momento em que ia transpôr a porta que fechava o corredor sobre uma pequena area, pela espada do cabo Manoel Ribeiro da Silva, que usando essa precaução para que aquelle que tão ancioso corria em auxilio do criminoso, que também estava ferido.

E' assim que Silva, atravessando a espada na frente daquelle que caminhava tão bem intencionado, que não encrava o perigo, dirige-lhe a palavra nos termos mais suaves, aconselhando-o a que se resguardasse, pois podia ser ferido por uma bala de revolver, porque, segundo dizião, alguns tiros se tinham ouvido naquella casa.

Essa pessoa, aceitando os conselhos que tão amigavelmente lhe davão, por sua vez anima Silva, para que nada receiasse, e, encostado á espada, que continuava atravessada na sua frente, chama Romão, e este, ouvindo a voz que o chama, chega á porta do quarto, que dava para o corredor e res-

ponde: « Que queres? E's mandado pelo Pedro II? vem cá e traz elle também. »

Forão estas as palavras que Romão pronunciou logo que ouviu a voz de quem o aconselhava que se entregasse sem resistencia.

Continuando o interlocutor de Romão a aconselhal-o como amigo, este lhe diz: « Se és meu amigo, vai buscar-me um revolver. » Continuando o interlocutor a socregar o espirito de Romão, que se achava tão exaltado, começou a auxiliar-o o cabo Silva, que como irmão também aconselhava o criminoso, que se achava no centro da porta, enquanto que, por um buraco que haviam aberto no assoalho, despejavão cal, que mais incommodou os que fallavão com Romão, que elle proprio, que ao sentir a queda do material, dizia: « Despeja para ahí. »

Continuando as instancias do interlocutor de Romão, que já a este tempo se achava auxiliado pelos cabos Silva e João Paulo do Nascimento, Romão, dirigindo-se aos tres que o aconselhavão que pedisse a Deos que o auxiliasse, a esse Deos que havia pouco elle confessára ter offendido, diz: « Vou pensar. »

Retirando-se para o centro do quarto, vê alguém que, pelo buraco aberto no assoalho, lhe diz: entrega-te *Bahia*. E' o seu antigo camarada, que de novo lhe apparece e a quem Romão responde: « entrego sim. » E encaminhando-se para a porta dirige de novo a palavra áquelles que o aconselhavão, nos seguintes termos:

— O povo não me arrasta?

— Não te faz cousa alguma respondem os tres; nós te auxiliamos, para que elle não te offenda.

— E vossês? replica Romão.

— Nós, nada te fazemos, respondem estes á interrogação.

— Então para que essas espadas? continua Romão.

A esta pergunta, o cabo Silva e Nascimento, embainhão as espadas e convidão seus companheiros a imital-os, depois do que, Romão, sempre armado com a thesoura e uma pedra, convida o paizano que havia tanto auxiliado para a sua prisão pacifica, convida-o a que se approxime, e este á frente dos dois cabos que o seguião, caminha para Romão, chegando, porém, a dois passos de distancia do criminoso, faz alto e diz-lhe, abrindo o paletot e mostrando o peito:— Não julgo que sejas capaz de ferir aquelle que aqui se apresentou com o unico fim de aconselhar-te como irmão, pois está indefeso, como estás vendo.

Chegando-se então para Romão, este deixa a thesoura e a pedra, dando um braço ao paizano, outro ao cabo Silva e assim é conduzido para sala da frente, aonde chega quasi exausto, embora seguro por mais de vinte guardas. A' vista do seu estado, tornou-se necessario deital-o sobre uma meza; eis como se effectou a prisão.